



FOTO: CICERO RODRIGUES

Como professor, arrisco a opinião de que provavelmente (...) os estudantes atuais mostram uma deterioração, se comparados a seus antecessores

É fato notório que uma das facetas da era da informática é a gradual migração de livros impressos para o meio digital. A tecnologia viabilizou a proliferação de leitores de textos eletrônicos, incluindo os tablets, e não é exagero afirmar que já é possível montar grandes bibliotecas nesses aparelhinhos. A migração digital alcança também os livros-texto adotados em escolas e universidades. Até há pouco tempo, alguns livros impressos traziam DVDs para complementar o texto. Atualmente, porém, já existem, no ambiente acadêmico, livros integralmente eletrônicos, que embutem muitos recursos de imagem (animações, estruturas moleculares tridimensionais, gráficos dinâmicos etc.) e de áudio.

Em matéria recente na revista *Nature* (v. 485, p. 405), Roberta Kwok reúne depoimentos de autores que usaram programas de editoria de livros eletrônicos, todos muito entusiasmados com produtos já existentes e com a perspectiva de em breve preencher todas as áreas do conhecimento com instrumentos de ensino digitalizados. O resultado é que agora, mesmo no estágio inicial da digitalização de material didático, já está disponível grande quantidade de informação que, talvez devido ao grande volume, ainda demore muito a ser inteiramente processada.

Essa tendência (a digitalização) resultou somente de avanços técnicos ou foi gerada pelo desejo de revolucionar o ensino? O bioquímico Leopoldo de Meis, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, menciona, em DVD que produziu recentemente (*Ensinando ciência com arte* – v. 4, ‘A evolução do conhecimento’), que ainda ensinamos do mesmo jeito que os gregos clássicos faziam há milhares de anos. Assim, a adaptação digital atenderia tanto ao aumento exponencial do conhecimento quanto à demanda resultante do significativo aumento populacional.

O acesso à informação digitalizada ainda não é homogêneo no planeta, mas se somarmos os livros eletrônicos à já sólida presença dos computadores (e de suas poderosas ferramentas de busca) em nossas vidas, é segu-

ro afirmar que estudantes de países e níveis de aprendizado diferentes têm hoje à disposição acessórios de ensino bem superiores aos existentes há poucos anos. Assim, o número de estudantes com acesso a tais dispositivos deve ser grande o bastante para permitir estudos que comparem o desempenho de alunos atuais com o de alunos do passado.

É possível que tais levantamentos já existam, ou estejam em elaboração, mas seria oportuno e interessante pesquisar, entre professores do ensino médio ou superior, o que acham do aluno moderno em termos de preparo, cultura, articulação mental, compreensão da natureza ou quaisquer outros parâmetros que aferissem o aprendizado. Como professor, arrisco a opinião de que provavelmente o coletivo se declararia pessimista, e concordaria que os estudantes atuais mostram uma deterioração, se comparados a seus antecessores.

É claro que essa inferência poderia ser considerada leviana, já que, sem estar acompanhada de dados quantitativos fidedignos, representaria apenas especulação vã. Intuitivamente, porém, não seria surpresa se o aluno hodierno, mesmo cercado e amparado de todo o arsenal informático, se mostrasse relativamente incompetente – ou melhor, não exibisse a proficiência esperada, proporcional à incorporação dos implementos pedagógicos citados.

Se isso fosse constatado, as perguntas imediatas seriam: Por quê? Qual é o mecanismo do aprendizado? Qual o papel do professor? Ou: há necessidade de um professor presencial? Essencialmente, a compreensão e mesmo a memorização de fatos são atividades solitárias, que dependem de complexas sucessões de eventos mentais, muitos ainda não explicados fisiologicamente. Nesse contexto, será que a facilitação do processo mental por meio da parafernália digital é bem-vinda? Ou a abundância de recursos didáticos é indesejável, por ser demasiado envolvente e assim diminuir a fixação do conhecimento? **CH**

FRANKLIN RUMJANEK

Instituto de
Bioquímica Médica,
Universidade Federal
do Rio de Janeiro
franklin@bioqmed.ufrj.br